

Machado de Assis: dever e direito

FLÁVIA BERNARDI, PAULA CHIAPINOTTO TRICHES E SANDRO STANK DA SILVA

No terceiro ano do Ciclo de Estudos de Literatura e Psicanálise, realizado aqui na Serra, escolhemos inaugurar nossos encontros com um autor que acreditamos ser sempre atual e que nos instiga a pensar algo diferente daquilo que já havíamos pensado. Outrora, fomos obrigados a lê-lo para o vestibular, o que colocou a ele e aos seus textos num contexto de obrigação, e não de prazer. Dessa vez, escolhemos a possibilidade de (re)ler Machado de Assis, abrindo nosso ciclo com a leitura do clássico *Dom Casmurro*.

É pena que na maioria das vezes sejamos apresentados aos dramas de Bentinho na época mais “casmurra” da vida, a adolescência. Aí, a obrigatoriedade da leitura (avessa ao desejo) tira o brilho de todas as metáforas, pérolas, enigmas e outras genialidades da escrita desse reconhecido escritor brasileiro, nascido Joaquim Maria Machado de Assis e também chamado de “o Bruxo do Cosme Velho”.

As páginas de *Dom Casmurro*¹ nos remetem ao Rio de Janeiro do final dos anos 1800 e às entrelinhas da alma humana. O manuscrito original sofreu modificações importantes. Ao excluir trechos, especialmente aqueles relacionados ao enigma do adultério, Machado de Assis dificultaria que o leitor desvendasse o mistério que envolve a trama, e facilitaria que as próprias fantasias do leitor viessem à



Por aqui, andaram Capitu e Bentinho: um trecho da antiga rua Matacavalos, atual rua do Riachuelo, no Centro do Rio de Janeiro.

Foto publicada no *Álbum da cidade do Rio de Janeiro* (1922), comemorativo do 1º Centenário da Independência.

tona (difícil não lembrar do texto freudiano de 1906 intitulado “Personagens psicopáticos no palco”). Mesmo com as mudanças sociais e culturais que vivenciamos no último século, o psiquismo é atemporal. Com funcionamentos distintos, o aparelho psíquico, conceituado na teoria freudiana, segue o mesmo. Assim, Freud e Machado de Assis seguem atuais.

Entre o final de 2023 e o início de 2024, uma exposição dedicada a Machado de Assis foi realizada no Itaú Cultural, em São Paulo, re-

¹ *Dom Casmurro* teve uma edição preliminar em 1896 e sua versão final foi publicada em 14 de março de 1900, pela livraria Garnier, na travessa do Ouvidor, no Centro da capital carioca, cidade onde Machado nasceu e viveu (1839-1908).

pleta de recursos interativos, objetos pessoais, livros e manuscritos, abordando aspectos importantes e fascinantes da sua vida e obra. A frase usada na abertura e divulgação dessa exposição trazia consigo um lembrete e um convite: **“Celebrar Machado de Assis é um dever e um direito de nossa gente!”**.

É justamente este o nosso intuito: convidá-los a revisitar esse fantástico autor negro que produziu tanto em uma sociedade escla-

vocrata. Machado de Assis, na mesma época de Freud – porém em bandas brasileiras, mais especificamente cariocas –, também tentava desvendar a alma humana através de sua escrita literária. Celebrá-lo, lê-lo é uma forma de ampliarmos nossa capacidade de escutar as pessoas, compreendendo melhor os enigmas e casmurrices humanos. “Nem descuido nem artifício: arte”, dizia Machado de Assis. Que o seu aforismo faça sentido para nós também.

O potencial para antecipar o que não há: o ato criativo, a escrita e o feminino

MORGANA MENGUE SAFT TARRAGÓ

Depois da dolorosa despedida – repetida, já que li o que seria o último romance de Gabriel García Márquez mais de uma vez¹ –, fui surpreendida pela publicação póstuma de outra última história transformada em livro daquele que ainda é meu escritor favorito. *Em agosto nos vemos*² narra um período da vida de Ana Magdalena em que ela está às voltas com o luto e a descoberta de algo ainda vivo em si. A história é linda pela história que carrega: Ana M. é a primeira mulher protagonista de Gabo, e o livro foi escrito ao longo do processo de perda de memória do autor. Com tais informações em mãos, muitas vezes me perguntei o que García Márquez esquecia para escrever *Em agosto*... Aposto, para começo de conversa, na hipótese de que há algo acerca da sexualidade feminina, que inclui considerar a sexualidade das mães (inclusive da sua) e as possíveis transformações do desejo.

Em agosto nos vemos me levou a algo em que venho pensando: há relação entre a escrita e o feminino. Começo pela escrita em mim. A história contada por minha mãe foi comprovada verdadeira: era verdade que eu pintava, rabiscava, marcava todo e qualquer objeto ao qual a tinta aderisse – paredes, portas, armá-

rios, bonecas e, bem, papel. As parcas memórias acessíveis à lembrança revelam que eu queria mesmo escrever, contar histórias.

Não tenho a intenção de fazer um ensaio sobre o livro, tampouco de revelar minhas brincadeiras com as canetas, mas sim, pretensiosamente, busco aproximar o feminino e a escrita, que, como ato criativo, exige um recolhimento narcísico, no qual levamos conosco todos aqueles que nos constituíram desde as primeiras identificações. Assim entendo o processo de escrita: como um recolhimento especial com o semelhante; por isso, uma festa!

O feminino é constitutivo do psiquismo, visto que ele marca a disposição originária do bebê freudiano, bebê que chega ao mundo, desamparado. Ele precisa de outro que o ajude, entre outras coisas, a descobrir o prazer de viver. Haveria um espaço entre o ponto zero e a vida em que caberia antecipar algo onde (quase) nada existe ainda? A capacidade criativa não se daria exatamente neste ponto: ver o que não há ainda, mas que tem potencial para germinar? A satisfação alucinatória do desejo, me parece, tem algo a ver com isso. Ambas estariam baseadas em uma crença.

Seria a construção do feminino, marcado por um tempo de recolhimento, o desfecho de um ato criativo e do investimento na aposta de que algo existirá, bem como essa capacidade de voltar-se para dentro e, desde lá, gestar antes de fazer nascer? Assim, como por extensão, seria todo e qualquer ato criativo? Seria a construção do fe-

1 MÁRQUEZ, G. G. *Memórias de minhas putas tristes*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

2 MÁRQUEZ, G. G. *Em agosto nos vemos*. Rio de Janeiro: Record, 2024.